



A fórmula do desastre

Ferreira da Silva: a hiper está longe, mas pode-se chegar lá abrindo o cofre e segurando o câmbio

120

Melhor hipótese é acordo por um País governável

A crise política pode resultar num acordo pela governabilidade, calcula o economista José Cláudio Ferreira da Silva, professor do curso de mestrado do Conjunto Universitário Cândido Mendes, um profissional com experiência em acompanhamento de conjuntura. Essa possibilidade já se desenha nas articulações políticas, afirma, e a reforma fiscal pode acabar sendo mais ampla do que se tem esperado. Essa necessidade, acrescenta, independe dos resultados do inquérito sobre o caso PC.

A crise política, segundo avalia, ainda não se reflete nos dados econômicos, mas acabará afetando as decisões dos empresários. Um dos efeitos aparecerá no encurtamento dos prazos dos negócios. Mesmo antes disso, já se pode prever uma lenta passagem da inflação para níveis mais altos, talvez já a partir de agosto. Mas dificilmente

ocorrerá uma hiperinflação, acrescenta. O bom nível de reservas cambiais e o baixo nível de atividade são barreiras contra o descontrole da alta de preços. "Hiperinflação", diz, "só se o pessimismo ficar exacerbado e o governo, como reação às pressões políticas, segurar a taxa de câmbio e começar a abrir o cofre." Já há sinais, acrescenta, de afrouxamento na liberação de verbas para Estados.

A atividade também deve crescer, embora muito moderadamente. A economia, diz, saiu do fundo do poço. A mudança, por enquanto, é pouco perceptível, porque o desemprego é alto. Pode-se fechar o ano com um crescimento de 2% ou 3% para o Produto Interno Bruto (PIB). A expansão do produto industrial deve ser menor que o crescimento geral. A recuperação, explica, tem sido ajudada pelas exportações e pela boa produção agrícola.